



A problemática do ato em psicanálise

Patrick Almeida

Orcid: [0000-0002-6154-6117](https://orcid.org/0000-0002-6154-6117)

Doutor no Departamento de Psicanálise de Paris VIII (Paris, France)

Psicanalista.

Membro da École de La Cause Freudienne e da Association Mondiale de Psychanalyse

E-mail: patrickmmalmeida@gmail.com

Resumo: Este estudo examina a passagem da teoria freudiana do ato, do *agieren* freudiano ao ato falho, à teoria do ato psicanalítico no ensino de Jacques Lacan e às contribuições à teoria analítica por meio da leitura de Jacques-Alain Miller correlacionada com a problemática da iteração do Um do gozo no sintoma do *parlêtre*. Vamos inicialmente localizar na obra de Freud o paradigma do ato seja como um ato falho, uma formação metafórica do inconsciente, seja como uma compulsão de repetição - uma marca indelével da pulsão de morte. Em seguida, evocaremos as várias concepções do ato e do gozo em Lacan, passando por sucessivas redefinições do ato do analista e da interpretação analítica que foram formuladas a partir das reorganizações de sua concepção de cura, de atravessamento da fantasia, o lugar do simbólico, passando de sua potência à impossibilidade de absorver tudo do real. Chegaremos ao que se denomina uma clínica orientada pelo real, ou seja, uma clínica orientada pelos modos de gozo e pela economia do gozo. Afirmamos, portanto, que o conceito de "ato analítico" é o grande conceito que teria o efeito de *Aufklärung* diante dessa clínica do real, clínica da a-eração do campo de gozo, única possibilidade de uma psicanálise no Século 21.

Palavras-chave: Ato; *Acting-out*; Gozo; Interpretação; Clínica do real; Pragmatismo mileriano.

The issue of the act in psychoanalysis: This study examines the passage from Freudian theory of the act, from Freudian *agieren* to the failed act, to the theory of the psychoanalytic act in the teaching of Jacques Lacan and to contributions to analytical theory through reading by Jacques-Alain Miller correlated with the problematic of the iteration of the One of jouissance in the symptom of the *parlêtre*. We will initially locate in Freud's work the paradigm of the act either as a failed act, a metaphorical formation of the unconscious, with the compulsion to repeat - an indelible mark of the death drive. Then, we will evoke the various conceptions of the act and of jouissance in Lacan, going through successive redefinitions of the act of the analyst and of the analytic interpretation which were formulated following the reorganizations of his conception of cure, crossing the fantasy, the place of the symbolic, passing from its power to the impossibility of absorbing everything from the real. By arriving at what is called a clinic oriented by real, that is, a clinic oriented by modes of jouissance and the economy of jouissance. We therefore maintain that the concept of the "analytic act" is the major concept which would have *Aufklärung's* effect in the face of this clinic of the real, clinic of the a-eration of the field of jouissance, the only possibility for a psychoanalysis in the 21st century.

Keywords: Act; Acting out; Jouissance; Interpretation; Clinic of real; Millerian pragmatism.

La problématique de l'acte en psychanalyse: Cette étude examine le passage de la théorie freudienne de l'acte, de l'*agieren* freudien à l'acte manqué, à la théorie de l'acte psychanalytique dans l'enseignement de Jacques Lacan et aux contributions à la théorie analytique par la lecture de Jacques-Alain Miller corrélée à la problématique de l'itération de l'Un de la jouissance dans le symptôme du *parlêtre*. Nous localiserons initialement dans l'œuvre de Freud le paradigme de l'acte comme acte manqué, formation métaphorique de l'inconscient, à la compulsion à la répétition - marque indélébile de la pulsion de mort. Ensuite, nous évoquerons les diverses conceptions de l'acte et de la jouissance chez Lacan, en passant par des redéfinitions successives de l'acte de l'analyste et de l'interprétation analytique qui ont été formulées suivant les réorganisations de sa conception de la cure, de la traversée du fantasme, de la place du symbolique, en passant de son pouvoir à l'impossibilité de tout absorber du réel. En arrivant jusqu'à ce qui se nomme une clinique orientée par le réel, soit une clinique orientée par les modes de jouir et l'économie de jouissance. Nous soutenons donc que le concept de « l'acte analytique » est le concept majeur qui aurait effet de *Aufklärung* face à cette clinique du réel, clinique de l'a-ération du champ de la jouissance, seule possibilité pour une psychanalyse dans le 21^{ème} siècle.

Mots clés: Acte; Acting-out; Jouissance; Interprétation; Clinique du réel; Pragmatisme millérien.

A problemática do ato em psicanálise

Patrick Almeida

Logo no início, Jacques Lacan abordou a questão da problemática do ato analítico como sendo da ordem de um lapso do ato - tomando como exemplo as interpretações e pontuações inexatas de uma analista pertencente à escola da "relação do objeto", Ruth Lebovici, e que acabou por desencadear um conseqüente *acting-out* do lado do analista, sob a forma de uma perversão voyeurística transitória que levava o sujeito a espiar as mulheres nos lavabos dos *Champs Elysées*. Lacan pôde voltar a esta questão em muitas ocasiões ao longo do seu ensino, tecendo sempre comentários retificativos sobre qual seria a posição do analista e o seu ato. Este é o lado de Jacques Lacan como controlador do ato analítico dos psicanalistas do seu tempo - como os seus múltiplos comentários sobre o caso de Ernst Kris, *Homem com Cérebros Frescos*.

O ato analítico e seu lapso

Sobre o caso de Lebovici: trata-se de Yves, um sujeito que apresenta uma fobia, tem medo de ser grande demais e não encontrar sapato do tamanho de seu pé. Durante todo o trajeto desta cura, Ruth Lebovici se orienta no sentido de dar consistência à distância, em separar seu paciente dela mesma – mesmo porque, ele manifesta interesse erótico em sua analista. Ao mesmo tempo, o analisando demonstrou sua frustração com a situação analítica, e acabou confessando sua ideia de que seria melhor manter relações sexuais com a analista. Ruth Lebovici intervém intempestivamente na realidade e o castra no real – ao invés de interpretar seu fantasma e sua relação com o falo -, e diz que ele sabe bem que isso nunca aconteceria. Algum tempo depois, ele começa a manifestar com cada vez mais frequência, interesse pelas práticas voyeuristas nos banheiros públicos, seguido de um **medo de sujar as mulheres**.

De acordo com Ruth Lebovici, apesar das dificuldades ocasionadas por seus *acting-outs*, foi a expressão de suas fantasias perversas sob transferência que permitiram ao paciente estabelecer um **contato real** com a analista. Ele assim poderia ter atualizado, vivido e elaborado suas pulsões ao nível de suas fixações pré-genitais. E a única análise de sua agressividade pré-genital permitiu o desinvestimento de suas tendências e práticas perversas – que se situavam no “quadro de uma passagem ao ato extratransferencial” (Lebovici, 1955, p.15), puderam ser trazidas de volta ao interior da transferência. Se antes do tratamento havia defesas contra suas pulsões, a análise teria permitido a Yves mobilizar suas defesas – mas com um preço mesmo assim bastante alto – para poder, em seguida, “evoluir na direção de uma genitalização que ele parece ter atingido” (Lebovici, 1955).

De qualquer forma, ressaltamos que este *agieren* do paciente é um *acting-out* destinado a Ruth Lebovici. É um apontamento de que o analista está equivocado com sua interpretação bastante intrusiva: isto invade o real no nível da fantasia do sujeito.

E no fundo, para Jacques Lacan, esta clínica do agir deve ser encontrada neste binário: o *acting-out* do paciente vem sempre como fenômenos de **indução**, resposta à passagem ao ato do analista.

Neste sentido, o *acting-out* serve de monstação, uma maneira de encenar para o analista que ele está no "lapso do ato" (Lacan, 1967) no momento em que ela, Ruth Lebovici, toma o partido da teoria do objeto parcial de Bouvet e sua confusão entre a dimensão do simbólico e a da realidade. Isto se demonstra, por exemplo, na sua ideia de que o paciente acredita na mulher fálica, até o momento em que ela interpreta o sonho do homem de armadura como sendo a mãe fálica.

A respeito do *acting-out* como amostra da ação paradoxal humana, seu contorno se inscreve no fato de que ele é provocado pelo uso da transferência. É também um tipo de **resistência** à interpretação dada pelo analista e tem valor de manutenção da transferência, lá onde o analista teria respondido imediatamente à demanda do sujeito, querendo, por exemplo, como no caso de Ruth Lebovici, que o sujeito incorpore fantasmaticamente o objeto parcial (Lacan, 1957-1958/1998, p. 436). Sobre o fundamento da transferência, o analista cai no erro no momento em que faz o sujeito passar pelo plano da identificação sugestiva, imaginária, em nada diferente da identificação da demanda (Lacan, 1957-1958/1998). O que teria sido a solução da análise do paciente de Ruth Lebovici, seria de fato que ele viesse a descobrir o Outro enquanto castrado (A) segundo a lei da castração, em sua função significante - o que é a lei do Outro (Lacan, 1957-1958/1998), e sua relação com o falo e seu significado, a saber, o falo como significante do desejo, lá onde ele não está.

Por outro lado, operar com a transferência, especialmente na prática do século 21, implica ir além da interpretação, na direção do ato analítico. E isso não é sem relação com o significado do falo na cura, mas também na teoria analítica. Isto pode ser bem diferente dos desenvolvimentos de trabalhos de outros autores e teóricos, como Maurice Bouvet e a teoria da distância ao objeto. Jacques Lacan a critica afirmando que "apoiar ao nível do significado do Outro, s(A), esta produção fantasmática do sujeito, é reduzir a complexidade das formações no sujeito que é desejo, à demanda, enquanto articulada à relação direta do sujeito com o analista" (Lacan, 1957-1958/1998, p. 446).

E esta problemática da redução do desejo à demanda produz uma redução subjetiva dos sintomas do paciente, através de um processo regressivo do desejo à demanda, mas à custa de explosões súbitas de tendências perversas sob a forma de *acting-out* (Lacan, 1957-1958/1998, p. 447). No caso de Yves, por exemplo, é ao olhar para as mulheres urinando que ele encontra **realmente** a mulher como falo, tal como interpretado por Ruth Lebovici quando ela iguala o homem de armadura com a mãe fálica. O seu *acting-out* surge precisamente como o produto artificial das intervenções do analista através desta operação de redução.

Era a brusca explosão de algo que, excluído sob a influência da demanda, entrava aqui sob a forma de ato isolado na vida do sujeito, tendo a forma compulsiva do *acting-out*, e assim assegurando a presentificação de um significante. (Lacan, 1957-1958/1998, p.447)

Em outras palavras, o *acting-out* marca o que faltou na análise, e mostra que o lugar do falo enquanto mediação significante "por onde é simbolizado o que acontece entre o homem e a mulher"

(Lacan, 1957-1958/1998, p. 489).

Consideramos então que houve **lapso do ato** do analista na medida em que o lugar do significante do falo que deveria lhe ser pontuado como significante do desejo do Outro, foi consistido como satisfação de sua demanda na miragem imaginária (a-a') concedendo-lhe "seu objeto através da simbolização pelo analista do fantasma imaginário" (Lacan, 1957-1958/1998, p. 471). E o que releva da operação analítica, conforme a perspectiva lacaniana, é que se trata de significantes, com suas fixações libidinais, com sua economia de gozo, sua prevalência em formas de significante oral, anal, etc., e que aparecem em seu discurso uma vez que lhe serviam para articular a demanda do sujeito. E para que isto possa funcionar, o analista deverá ocupar o lugar deste horizonte da não resposta do Outro, enquanto local da palavra (Lacan, 1957-1958/1998, p. 477) para abrir as vias de acesso à mensagem franca do sujeito, conforme o adágio freudiano (Freud, 1932/1984, p.110) *Wo es war, sol ich werden*.

Do *agieren* ao ato

No caso que estudamos, quanto mais o analista intervém no nível das explicações interpretativas, mais o fantasma/fantasia perverso do paciente toma forma e consistência, afastando-o de sua relação fundamental enquanto sujeito com o Outro, o gozo e sua verdade. Do lado oposto de uma prática interpretativa como esta, Lacan introduz a dimensão do ato.

Como nos foi possível constatar, isso tem sido uma preocupação constante em Lacan, e foi assim desde o início de seu ensino. Entendemos que ele soube extrair uma **doutrina do ato** na psicanálise, utilizando os elementos de Freud: a dimensão do ato como testemunho de uma intenção "obscura" do inconsciente, enquanto ato falho, erro, ou mal-entendido, etc. Mas é também o *agieren* freudiano, durante a experiência psicanalítica. Lacan o traduziu de fato como uma mensagem endereçada ao analista, quando ele não estava exatamente em seu lugar. Deste *agieren*, Freud fez a reprodução **em ato** do recalcado a partir do manejo da transferência (Freud, 1915/2010b). Em outras palavras, é um risco implícito que o analista corre, quando ele desencadeia a transferência enquanto ferramenta necessária para o desenvolvimento do tratamento. Quer tenha vindo à luz uma transferência positiva ou negativa pouco importa. O fato é que do momento em que ocorre a transferência, aparece a demanda de amor, ou de ódio, em relação ao analista. Ele é colocado no lugar daquilo que Lacan nomeou Sujeito Suposto Saber (SsS) (Lacan, 1960-1961/2001a).

Se o analista cede à demanda do analisando, se lhe responde, ou calibra sua interpretação pelo ângulo da demanda de amor na transferência, ele pode desencadear o *agieren* enquanto *acting-out* – este último funcionaria como um alerta de re colocação do analista e de sua interpretação ao nível do desejo, e não da demanda.

Freud diz o seguinte:

A técnica analítica obriga o médico a recusar ao paciente, que demanda amor, a satisfação solicitada. O tratamento deve ser realizado em abstinência [...] o paciente deve poder continuar

a necessitar e a desejar. [...] Seria um grande triunfo para a paciente se suas investidas amorosas encontrassem uma resposta e seria uma derrota total para o tratamento. A paciente teria conseguido aquilo a que todos os pacientes em análise tendem: atuar algo, repetir na vida aquilo que só deve recordar, reproduzir como material psíquico e manter no domínio psíquico. (Freud, 1915/2010b, p. 136).

Ou seja, é uma escolha ética que precisa ser feita: ou ato sexual, ou ato analítico.

A psicanálise freudiana é a clínica do recalque, onde se defende a interpretação do recalcado e da resistência (Freud, 1918/2010c). A tarefa psicanalítica (Sharpe, 1930/2007) é levar o “doente neurótico a conhecer os movimentos recalcados, inconscientes que existem dentro dele, e para esta finalidade, descobrir as resistências” (Freud, 1918/2010c, p. 145) tendo ao mesmo tempo o princípio da abstinência como um de seus pontos cardeais – “a cura analítica deve na medida do possível ser conduzida na privação – abstinência” (Freud, 1918/2010c, p. 148). Isto significa, a partir de Freud, que o trabalho analítico consiste em trazer à consciência tudo o que é recalcado, desvelar as resistências, fazer o caminho dos sintomas até suas composições dos movimentos pulsionais – **mostrar** ao analisando, em suma, os elementos pulsionais de que se trata em sua neurose e sua estrutura.

Por outro lado, Freud aposta no desenvolvimento da psicanálise como podendo tomar empréstimo da via liberada por Ferenczi no nível da técnica (Ferenczi, 1919/1978), da “atividade do analista” (Ferenczi 1919/1982a), seus prolongamentos (Ferenczi, 1921/1982b), até mesmo suas contraindicações (Ferenczi, 1926/1982c) e mesmo sobre a elasticidade da técnica (Ferenczi, 1928/1982d) - ao mesmo tempo visando, segundo Jacques-Alain Miller, um:

Abandonar a neutralidade benevolente. Em vez disso, recomenda uma atitude de benevolência. A este respeito, vem na sequência do que já tinha começado a ser procurado [...] sob o nome de técnica ativa - ativa na benevolência para com o paciente. (Miller, 1983-1984).

O que comporta de fato um risco de cair no lapso do ato e em uma tecnicização automática. Porque de fato, além de uma técnica, a psicanálise consiste basicamente em uma **ética**. É da ética do desejo e sua relação com o gozo que se trata.

Se escolhermos tratar desta problemática aqui, foi somente para evidenciar o seguinte: **o ato analítico releva de uma ética das consequências**. Esclarecê-lo sob este ângulo, o da ética, seria, conforme acreditamos, ter uma chance do efeito de *Aufklärung*, um efeito das Luzes, para a direção de todo tratamento – quer se trate de uma psicanálise **pura**, ou de uma psicanálise aplicada à terapêutica, em instituição. Trata-se, em nossa opinião, de um efeito desejado e desejável de d’*Aufklärung* lacaniana, atravessado pelo racionalismo milleriano e sua leitura/interpretação do ensino de Jacques Lacan.

Esta ética das consequências implica a articulação do analista com o objeto do desejo: o objeto *a*, o objeto perdido, objeto **causa do desejo**. Ao ocupar o lugar de semblante deste objeto *a*, o analista

introduz assim a falta no sujeito - revelando sua divisão como Sujeito da Palavra {S} em relação ao Outro. E a entrada em análise traz a marca do ato do psicanalista que incita o analista e a relação com o saber inconsciente. Quando institui a regra da livre associação com o paciente, estabelece que existe o Outro. Há alguém que sabe o que isso significa. Há saber no Outro. E, se o sujeito consentir em acreditar nele, o lugar do Sujeito Suposto a Saber é estabelecido neste lugar que o analista irá ocupar durante uma cura. Este é o momento do estabelecimento da transferência: **há o Outro que sabe ler as formações do inconsciente.**

Mas não sem riscos, como vimos com o exemplo do *acting-out*: de um lado, há um cálculo ruim, uma má interpretação, do lugar do analista por exemplo, como foi o caso da perversão transitória da qual nos testemunhou Ruth Lebovici quando interpretou sua presença como a de uma mãe fálica. O lugar do analista permanece ininterpretável – enquanto esta última se sustenta também do lugar do objeto *a*, este “nó de gozo na origem de todo saber” (Lacan, 1968-1969/2006, p. 350).

Vale notar que Lacan adiciona, além disso, o seguinte:

Se operarmos ali, como acabo de lhes recordar, de uma forma que é aceita como parcial, temos de admitir que apenas a repetição é interpretável na análise, e isto é o que é considerado como sendo a transferência. Por outro lado, este fim que designo como a tomada do analista em si próprio na perfuração do *a*, é precisamente o que constitui o ininterpretável. Para o dizer claramente, o ininterpretável na análise é a presença do analista. É por isso que interpretá-la [...] é propriamente abrir a porta, chamando o *acting-out* para este lugar (Lacan, 1968-1969/2006, p. 350).

Por outro lado, é um chamado ao Outro para que uma interpretação analítica possa calibrar o analista em seu ato. Uma interpretação, mesmo que inexata, pode estar correta desde que “vise um efeito [...] de saber articular a ela, que se torna sensível pela sua verdade” (Lacan, 1968-1969/2006, p. 350). Mas que verdade é esta? É a verdade do lado do desejo, da divisão do sujeito {S}, que a verdade tem a propriedade de ser assexuada: não há relação sexual. Não há “relação definível como tal entre o sinal do macho e o da fêmea” no ser humano (Lacan, 1968-1969/2006, p. 350). Assim, também não há ato sexual - não há uma relação justa entre os seres falantes.

E foi exatamente isso que a psicanálise pôde revelar, pôde interpretar para o mundo:

A psicanálise nos revela que a dimensão adequada do ato - do ato sexual em qualquer caso, mas ao mesmo tempo de todos os atos, o que já tinha ficado evidente a muito tempo - é o fracasso. É por esta razão que, no centro da relação sexual, existe na psicanálise o que se chama castração (Lacan, 1968-1969/2006, p. 350).

Se, no início de uma análise, o psicanalista induz o sujeito ao encontro de um Sujeito Suposto

Saber - o suporte da transferência - do qual ele, o analista, assume o seu embasamento, ele, o analista, leva o analisando ao encontro da sua verdade, no final da operação analítica, e mesmo do seu além, ou seja, do seu ponto de economia de modos de gozar. Este é o momento da queda do objeto *a* (como representativo da cavidade da sua verdade rejeitada) e o analista cai como uma ficção rejeitada. E aqui estamos perante o paradoxo do ato analítico: "Se é verdade que o psicanalista sabe o que é uma psicanálise e a que ela conduz, como pode ele, este ato, proceder a ela? (Lacan, 1968-1969/2006, p. 348).

Esta ideia da verdade como ficção, Lacan desenvolveu em 1977. Ele a isola como uma função da variável, como na lógica matemática, e cria o neologismo **varidade** (Lacan, 1979a). É a verdade como variável, é a verdade enquanto variedade – pelo fato de que ela pode variar para um sujeito de acordo com os significantes que se inscreveram para ele enquanto pontos de referência em sua relação com as marcas de gozo. Esta "semblantização da verdade" (Miller, 2006-2007), esta afirmação de que não há palavras justas a serem colocadas sobre as coisas, que se tratam mais de uma "verdade mentirosa" relevam da afirmativa de que **não existe metalinguagem**.

Isso implica que a verdade, em face do real, só pode mentir. Assim, concebemos que a teoria lacaniana do ato, quanto mais avanços acontecem, mais a ideia da interpretação analítica perde seu lugar, ao menos em sua concepção clássica, por exemplo enquanto parcela de construção a respeito do recalçado (Freud, 1937/2012). Significa que a interpretação analítica deixa de ser uma elucubração de saber, no sentido em que vai na direção da verdade. A interpretação, orientada pelo princípio de que não existe metalinguagem, se volta para o gozo, para aquilo que escapa ao circuito simbólico, o que excede, o real, ao seu além do princípio do prazer a pulsão de morte e a compulsão à repetição.

A interpretação, segundo Jacques-Alain Miller, é um dizer que visa o corpo falante para produzir ali um acontecimento, para passar pelas entranhas, como disse Lacan, isso não se antecipa, mas se verifica no só-depois (*après-coup*), porque o efeito do gozo é incalculável (Miller, 2014, p. 114).

Então é necessário passar **do dizer à escrita** para ver onde é o buraco, é preciso ver a borda do real (Lacan, 1973-1974). Mas que posição seria a do analista para poder permanecer rigorosamente em conformidade com seu ato?

Reiteramos nossa hipótese que é: a posição analítica que sobra, em conformidade com o rigor de seu ato é o da operação **cirúrgica**. Lembramos que é o próprio Sigmund Freud (Freud, 1912/2010a) que compara o tratamento psicanalítico à operação cirúrgica:

Nunca é demais recomendar aos colegas, que durante o tratamento psicanalítico tomem como modelo o cirurgião, que põe de lado todos os seus afetos e até mesmo sua compaixão humana, e que estabelece um único objetivo para as forças da sua mente: realizar a operação com o

máximo de respeito possível às normas da arte (Freud, 1912/2010a, p. 75).

Lacan toma nota deste enunciado freudiano e também compara por sua vez, o ato psicanalítico a um ato cirúrgico, no momento em que ele deseja “elevar a psicanálise à dignidade da cirurgia” (Lacan, 1977-1978). Trata-se de elevar o ato analítico à dignidade de um ato cirúrgico – enquanto corte topológico intervindo na transformação do sujeito e de sua relação com o gozo. É no momento em que o analista introduz o corte na seção que ele, no lugar de semblante do objeto *a*, assegura a separação (Freda, 1984) do sujeito deste objeto *a* em questão, assegurando a separação entre o sentido e o significante, a significação e a letra.

Retomemos ainda outro enunciado de Jacques Lacan quando ele diz que é:

No campo do fazer que ele inaugura com a ajuda deste ato, não há lugar para nada que o desagrade, nem para nada que lhe agrade. Se ele arranja espaço para isso, sai dele [...] levando alguém ao fim da sua psicanálise, ao fim da sua verdade incurável, ao ponto de saber que, se de fato houver um ato, não há relação sexual (Lacan, 1968-1969/2006, pp. 353-354).

De um efeito do pragmatismo lacaniano e do racionalismo milleriano

Outro ponto de orientação sobre esta questão do ato pode ser a hipótese de trabalho segundo a qual a psicanálise de orientação lacaniana se inscreve na herança das Luzes. O instrumento operatório é o conceito de ato analítico. Este último abre a perspectiva da psicanálise como uma ética com consequências clínicas contra toda mecanização da técnica. Este ato de **esclarecer** ou de “tirar a limpo o inconsciente do qual és sujeito” (Lacan, 1973/2001b, p. 543) permite uma relação nova do *falasser* com seus modos de gozar. Isto implica uma nova relação com o saber, o inconsciente, ao desejo e à economia dos modos de gozo.

Este ato analítico se trata então de um efeito pragmático: as luzes analíticas se caracterizam pelo uso esclarecido da razão inconsciente esclarecida. De fato, as luzes kantianas implicam numa saída do homem para fora do estado de minoridade que ele inflige a si mesmo. O sujeito se encontra sujeitado à tutela do Outro. Dito de outra forma, trata-se de uma alienação ao Outro e a seu objeto, ou até mesmo ao discurso do Mestre - e, digamos após ter visto com Jacques-Alain Miller o desnivelamento entre o Ser e a Existência, o discurso do Ser. Mas, de que se trata esta alienação no século 21, onde o Outro não existe, onde ele se torna um Outro inconsistente, o Nome-do-Pai está em declínio, a tradição desvanece-se a favor do discurso do capitalismo, da irrealidade das estatísticas, do império das imagens e da tirania do objeto? Este século já está marcado por uma quebra de identificações prontas e onde existe uma paixão pela ignorância ligada ao objeto *a*, este mestre do discurso contemporâneo elevado ao zênite social, ou seja, ao posto de comando da civilização.

Neste sentido, a experiência analítica assume a aparência de **uma emancipação do *falasser*** em relação à sua alienação do Outro, do objeto *a*, daquilo que impede o advento do seu discurso e

desejo, bem como daquilo que manteria a fixação do seu gozo.

Com Jacques-Alain Miller, o *Trauma de Freud* (Miller, 2006-2007), seguido do "Real Lacaniano", é colocado no rastro esboçado pela experiência do Iluminismo. Mas com o Último Lacan, o estatuto ético do inconsciente já não se encontra num convite ao Saber-Inconsciente no sentido de uma reinscrição na História de um capítulo censurado, mas é agora uma experiência de iluminação do inconsciente real: modos de gozar do *fallasser* e as suas identificações com os objetos pulsionais.

Existe uma grande diferença entre o estatuto ético do inconsciente transferencial e o inconsciente-real. O futuro do *fallasser* já não é o futuro do sujeito na sua singular emergência para além da identificação simbólica e imaginária. Como temos tentado demonstrar ao longo deste trabalho de investigação, é uma emergência marcada por uma diferença fundamental, do traço do Um que faz um rastro nos orifícios do corpo.

Mesmo que falemos de Iluminismo, o analista não se deixa enganar pela ideia de que aí seria possível um projeto moderno. De fato, depois de Auschwitz já não é possível um projeto moderno (Lyotard, 1979). A ideia do Progresso do Bem é liquidada (Baudrillard, 2004). O desejo não se mantém sozinho na economia da vida psíquica. O gozo também está presente.

Uma psicanálise orientada pelo Real implica, portanto, uma orientação político-ética fundamentalmente radical de qualquer tipo de psicoterapia. O princípio fundamental é "não há relação sexual". O ponto de partida do ato analítico é, portanto, um **impossível de dizer** - real da estrutura. Fazer ressoar este ponto sensível para cada *fallasser* é a sua política diferencial. E é isto que torna o ato analítico uma **ética de consequências**.

A partir da sua ética, o analista assegura o estabelecimento do inconsciente transferencial. O sujeito tecerá a sua história sob o prisma da sua variabilidade - verdade como variável de acordo com os significantes que para ele foram inscritos como pontos de referência na sua relação com as marcas de gozo. Esta semblantização da verdade (Miller, 2006-2007) deriva da afirmação de que não há metalinguagem: a verdade é mentirosa em relação ao real.

Assim, concebemos que na teoria lacaniana do ato, quanto mais a teoria avança, mais se verifica um declínio na interpretação: deixa de ser uma elucubração do saber, no sentido em que avança para a verdade. A interpretação, orientada pelo princípio de que **não há metalinguagem**, vai no sentido do gozo, do que escapa ao circuito simbólico e do que o excede. A interpretação torna-se um dizer que visa o corpo falante e produzir ali um acontecimento, para passar pelas tripas, disse Lacan, isto não antecipa, mas se verifica no só-depois, porque o efeito do gozo é incalculável (Miller, 2014).

Levar o *fallasser* ao fim da sua psicanálise é levá-lo "ao fim da sua verdade incurável" (Lacan, 1968-1969/2006, p. 353): que não há relação sexual. O ato-*Aufklärung* visa um efeito de *a*-reajamento do gozo, perturba a defesa do sujeito face ao real e questiona a identificação com os modos de gozar dos objetos pulsionais. A prática analítica no século XXI deve assim nivelar-se ao ato: agir ao nível do real, no sentido de que o real condiciona a realidade R.S.I. do *fallasser*.

A prática analítica na era do *falasser*

Assim, o ato analítico é um operador feito para ir contra o gozo. Isto implica que partimos do seguinte princípio: para o problema psicanalítico do tipo de relação entre o psicanalista e o inconsciente, é questão de afirmar que **não existe relação complementar entre o analista e o inconsciente**. O que condensamos nesta fórmula é que o analista "pensa contra o inconsciente" - considerando assim que existe uma disjunção {o analista //o inconsciente}. Claro que isto não implica que na psicanálise se pense sem o inconsciente - mas, pelo contrário, se pensa com o inconsciente, mas contra ele. E parece-nos que é a partir do ensino de Lacan e do método Milleriano de ler Lacan que podemos apreender esta perspectiva da ação do analista como um ato contra a dimensão do inconsciente.

Para apoiar esta asserção, vejamos a antinomia entre o ato e o pensamento. E, subsequentemente, reformulando esta afirmação, diríamos que **o analista está no seu ato contra o inconsciente** - uma fórmula lapidária da própria vanguarda do ato analítico.

Parece-nos que podemos afirmar esta hipótese com base no curso de orientação lacaniana *Tout le monde est fou* (Miller, 2007-2008) de Jacques-Alain Miller e que nos permite tomar um novo ângulo para nos aproximarmos do lugar do analista, hoje, em relação ao inconsciente tal como tem sido elaborado no Campo Freudiano há quase 50 anos. Além disso, recordamos que esta frase, "Todo mundo é louco", é de Jacques Lacan em 1979, onde ele assinala que todos deliram perante o Real - consideremos que existe desde o início uma materialidade líquida perante o Real (Lacan, 1979b, p. 278). Já existe aqui um contraponto à máxima de Saint-Anne que ele usou no passado, segundo a qual "não basta querer para ser louco", materialidade mais sólida, estrutural, que não se moveria de um lugar para outro na estrutura.

Na perspectiva desta forclusão generalizada, do "todos deliram", haveria uma falta de saber em relação à sexualidade - a sexualidade humana cuja relação não existe. Isto implica que a categoria de loucura se torna assim extensiva a todos os corpos falantes. Há uma debilidade mental que é própria do humano na sua relação com a verdade. Só pode ser meio-dito - e, em qualquer caso, a verdade está sempre a mentir em relação-ao real.

E depois de ter passado pela problemática do ato na psicanálise e na economia dos modos de gozo, como situamos hoje o inconsciente?

Se seguirmos à letra os ensinamentos de Jacques-Alain Miller, o racionalismo milleriano permite-nos afinar a clínica do século XXI, ou seja, como sendo a de uma clínica pragmática dos modos de gozo, temos de admitir que já não estamos propriamente nos espaços topológicos de dentro/fora, profundidade/surface, dentro/fora, superfície, topo/baixo. Além disso, isto vai continuar com a faixa de Moebius. Basicamente, ao longo do seu ensino, Jacques Lacan tenta primeiro separar-se da noção clássica do inconsciente. É isto que Jacques-Alain Miller nos transmite - tomemos o Capítulo II do *Seminário XI, O Inconsciente Freudiano e o Nosso*, por exemplo - o inconsciente freudiano, da ordem do recalque e da elucubração do saber de "há relação e sentido sexual", e o inconsciente lacaniano, cujo sujeito é o resíduo da operação "da ausência da relação sexual" - lógica pura do sujeito como um

conjunto vazio $\{S\}$ - um sujeito engendrado pelo material significativo, denotando o funcionamento de uma combinatória e de uma sintaxe.

Então Lacan colocará o inconsciente como um nó borromeano onde já não é uma questão de interior/exterior: o inconsciente é um nó. Além disso, Jacques-Alain Miller virá formular o sintagma de um inconsciente líquido (Miller, 2007-2008) - em oposição ao que seria um inconsciente sólido e estrutural estruturado como uma linguagem. Assim, no início do século XXI, J.-A. Miller poderá falar-nos de um inconsciente ao nível da *lalíngua*, do monólogo do Um e da sua appalavra. Mas é claro que ainda será necessário percorrer os nós borromeanos como situados por Lacan em relação ao inconsciente.

Falar de nós já implica que estamos longe da referência biológica de Sigmund Freud de 1895 com o seu projeto neuro-real de psicologia científica e a sua teoria neuronal. No entanto, nesta trajetória do neurónio para os nós, ainda podemos identificar a presença de uma visão materialista da mente que se move do modelo neuronal para a matéria nodal em Lacan. Desde a descoberta freudiana do inconsciente, a busca de uma base material do fenómeno psíquico esteve sempre presente.

A leitura de Lacan do texto freudiano situava a referência material do inconsciente num tipo de materialismo do significativo da linguística estrutural de Saussure e Jakobson. A causalidade psíquica seria semântica - por outras palavras, é a ordem simbólica, como a fonte das transformações psíquicas, que é a base material, a realidade do significativo, do inconsciente. A ordem simbólica tem impacto no modo imaginário - este é o paradigma da significantização do gozo. O sintoma do sujeito seria em relação a uma estrutura significativa que o determina e cuja base material é a estrutura da linguagem.

O que Jacques-Alain Miller nos propõe com a sua interpretação da psicanálise como psicanálise líquida é que o líquido inconsciente é um nó na língua. Ou melhor: é um nó de gozo na língua (Miller, 2007-2008).

A problemática do ato em psicanálise deve finalmente ser tomada como sendo **a problemática do ato em psicanálise líquida: clínica pragmática e economia dos modos do nó do gozo na língua.**

Este **nó de gozo** na língua é também um vestígio da ruptura da causalidade instituída pela função-sujeito, é o inconsciente mais como uma função disjuntiva cujo espaço topológico é coordenado pela ausência da lei, ou seja, que existe um buraco no saber inconsciente. Há uma ausência da lei entre os sexos no modo da impossibilidade de escrever uma lei no lugar do buraco no simbólico. O paradigma de "não há relação sexual" deve, portanto, ser completado **pela ausência de causalidade e pela ausência de lei da relação entre os sexos.** A determinação psíquica, a causalidade psíquica, é assim quebrada em favor da **contingência** do encontro dos sexos. E aí, nesta perspectiva, apenas o ato analítico pode apoderar-se do inconsciente-real, ao nível do sem lei, e onde a verdade é apenas uma miragem, ou até mesmo a verdade-mentirosa em relação ao real - o inconsciente torna-se assim um **nó de gozo** na língua.

Onde a interpretação se impunha no desejo, na instância do significativo, sob a égide da

determinação simbólica, o ato do psicanalista saberia situar-se, pela sua vanguarda, ao nível da contingência da marca do gozo, ao nível do primeiro lançamento aleatório que teria afetado para sempre o *falasser* deste **nó contingente de gozo** inscrito para sempre na sua história.

Assim, o ato analítico surgiria como resposta à problemática desta "substância do gozo" (Lacan, 1972-1973/1975, pp. 25-26) e a **necessidade** de isolar uma impossibilidade de algo que não pode ser escrito dentro de uma sintaxe $\{S_1-S_2\}$.

Por outras palavras, quando Jacques Lacan toca os limites da determinação simbólica, também toca os limites da interpretação e dos mecanismos de decifração do inconsciente como o lugar do Outro e da sua verdade inconsciente. É por isso, parece-nos, que Jacques-Alain Miller descreve a psicanálise no século XXI como **psicanálise líquida**. A psicanálise líquida é a psicanálise na era do *falasser* e onde o simbólico e a sintaxe foram desvalorizados. E onde o inconsciente freudiano foi estruturado como uma linguagem, o inconsciente lacaniano é um **saber-fazer** da língua.

A palavra em si tornou-se palavra-líquida na medida em que é o palavra-gozo, ou mesmo *appalavra*: "Eu o gozo, eu falo". Esta é a própria implicação do axioma do último Lacan, pois no momento em que não há Outro do Outro $\{S(A)\}$, e há gozo onde há *appalavra*. Cada ato de fala torna-se um ato de gozo (Lacan, 1973). A vontade de dizer cede o seu lugar ao querer-gozar. Instrumentalizada pelo gozo, a fala torna-se um aparelho de gozo no regime do Um.

Resta ao psicanalista provar em ato que é capaz de tocar a gramática silenciosa da pulsão, no campo do gozo - de um corpo que goza a si próprio. Trata-se de uma psicanálise orientada pelo real, cujo instrumento é o ato analítico sob o modelo do ato cirúrgico, o corte, onde a intervenção do analista, o seu ato, diz respeito ao que é goza na ação da palavra. Isto implica tocar o sintoma como um acontecimento do corpo, como uma emergência, um sentido de gozo, um *sens-jouis*. Jacques-Alain Miller diz-nos: "Este deslocamento da verdade para o gozo dá a medida do que a prática analítica se torna na era do *falasser*" (Miller, 2014, p. 114).

Na era da psicanálise líquida, o saber inconsciente funciona para o gozo e a mantém na sua fixação. Neste sentido, a psicanálise deve operar contra o gozo, por outras palavras, o analista deve "pensar" e agir contra o saber inconsciente que trabalha para o gozo, com o objetivo de o reduzir ao seu osso - daí a **operação-redução** e os seus vários níveis, tal como descritos anteriormente. Assim, o *falasser* teria uma oportunidade de que algo pudesse ser deslocado do ato de corte/interpretação-leitura do analista "que poderia estar ao nível do acontecimento de gozo" (Miller, 2007-2008). Teremos uma oportunidade de *a-rejar* o campo do gozo do corpo falante.

Uma palavra final sobre o referido "pensar contra". Salientemos que "pensar contra" não é "pensar sem", mas pelo contrário, é sempre, desde a experiência inaugural de Sigmund Freud, que o psicanalista pode pensar com as dimensões do inconsciente sem necessariamente se afogar nos acontecimentos de gozo a que o *falasser* está fixado. Digamos que praticar a psicanálise na era do *falasser* é pensar contra seu inconsciente, parafraseando o físico Étienne Klein, que diz que fazer física, é pensar contra o seu cérebro, ou seja, pensar contra si próprio, para ter uma oportunidade de tocar o

real (Klein, 2018). Isto seria para explicar o mundo pelo impossível. De fato, "pensar contra o próprio cérebro" é a forma de Gaston Bachelard dizer, em *A formação do pensamento científico* que "o cérebro é o obstáculo ao pensamento científico. É um obstáculo no sentido em que é um coordenador de gestos e apetites. É preciso pensar contra o cérebro" (Bachelard, 1938/2011, p. 299).

Fiquemos com o que Jacques-Alain Miller nos indica a este respeito, parece-nos:

[...] o que pode ser deslocado do gozo na psicanálise? Ou seja, quais são os acontecimentos de gozo que ocupam [...] o curso da análise e onde a palavra líquida se revela capaz de deslocar o gozo? Sem dúvida, não podemos ignorar a distância que separa a clínica-estrutura da clínica-acontecimento. [...] não se pode deduzir o acontecimento a partir da estrutura. E é precisamente esta dedução impossível que cria espaço para a interpretação. Na psicanálise do sujeito, a interpretação entra em jogo em relação à verdade [...] Digamos que a interpretação é julgada pelo acontecimento de gozo que é capaz de gerar no final. A psicanálise joga em relação ao que produz o gozo. Então, será esta psicanálise necessariamente apoiada pela ideia de que o que funciona para o gozo é um saber? [...] É um saber inconsciente que trabalha para o gozo. Parece-me, pelo contrário, que se a estrutura adequada à psicanálise líquida é o nó, como Lacan indicou, então a decifração deve ser relativizada, ou mesmo descartada, a favor do corte, do corte do fio, já que a psicanálise nodal de Lacan, se para mostrar os seus aspectos encena a ação de puxar, implica também uma outra ação [...] uma ação cirúrgica de corte. [...] pode ser que não seja a decifração mas o corte que faça acontecimento, que seja o corte que pode ser realizado ao nível do acontecimento de gozo, caso em que o que foi chamado de sessão curta... é a sessão da era da psicanálise líquida, aquilo que não é ordenado às formações do inconsciente mas aos acontecimentos de gozo (Miller, 2007-2008).

Concluamos afirmando que finalmente, **pensar contra o inconsciente** é analisar o *falasser* através do impossível dos acontecimentos de gozo.

Notas:

1. Tomamos partido na disputa sobre a tradução da frase acima. "Onde o id estava, o eu deve advir". De fato, este adágio freudiano e a sua tradução no sentido de que "o eu devo desalojar o Isso" será comentado muitas vezes por Lacan ao longo do seu ensino e tem sido traduzido mais como "lá onde isso estava, é onde devo advir". Note-se que o advento deste Eu marca o lugar e o estatuto do sujeito do inconsciente e não do Eu como uma instância de auto-controle imaginário. O Eu, sujeito do inconsciente, é chamado a alojar-se na sua lógica. De acordo com esta perspectiva, o caminho de uma análise pode ser formulado numa travessia do id ao inconsciente. A este respeito, consultar *Le Séminaire, livre XV, L'acte psychanalytique*

(Lacan, 1967-1968).

Tradução: Catarina Coelho dos Santos

Revisão: Tania Coelho dos Santos

Referências Bibliográficas

- Bachelard, G. (2011). *La formation de l'esprit scientifique*. Paris: Vrin. (Trabalho original publicado em 1938).
- Baudrillard, J. (2004). *Le Pacte de lucidité ou l'intelligence du mal*. Paris: Galilée.
- Ferenczi, S. (1978). La technique psychanalytique. In *Psychanalyse 2, Œuvres Complètes – Tome II: 1913-1919* (pp. 327-337). Paris: Payot. (Trabalho original publicado em 1919).
- Ferenczi, S. (1982a). Difficultés techniques d'une analyse d'hystérie. In *Psychanalyse 3, Œuvres Complètes – Tome III: 1919-1923* (pp. 17-23). Paris: Payot. (Trabalho original publicado em 1919).
- Ferenczi, S. (1982b). Prolongements de la "technique active" en psychanalyse. In *Psychanalyse 3, Œuvres Complètes – Tome III: 1919-1923* (pp. 117-133). Paris: Payot. (Trabalho original publicado em 1921).
- Ferenczi, S. (1982c). Contre-indications de la technique active. In *Psychanalyse 3, Œuvres Complètes – Tome III: 1919-1923* (pp. 362-372). Paris: Payot. (Trabalho original publicado em 1926).
- Ferenczi, S. (1982d). Elasticité de la technique psychanalytique. In *Psychanalyse 4, Œuvres Complètes – Tome IV: 1927-1933* (pp. 53-65). Paris: Payot. (Trabalho original publicado em 1928).
- Freda, F.-H. (1984). De l'objet clinique à une clinique de l'objet. *Actes de l'École de la Cause freudienne*, 7, 45-47.
- Freud, S. (1984). La décomposition de la personnalité psychique. In *Nouvelles conférences d'introduction à la psychanalyse* (pp. 80-110). Paris: Gallimard. (Trabalho original publicado em 1932).
- Freud, S. (2010a). Conseils au médecin dans le traitement psychanalytique. In *La technique psychanalytique*. Paris: PUF. (Trabalho original publicado em 1912).
- Freud, S. (2010b). Remarques sur l'amour de transfert. In *La technique psychanalytique* (pp. 127-141). Paris: PUF. (Trabalho original publicado em 1915).
- Freud, S. (2010c). Les voies de la thérapie psychanalytique. In *La technique psychanalytique* (pp. 142-154). Paris: PUF. (Trabalho original publicado em 1918).
- Freud, S. (2012). Constructions dans l'analyse. In *Résultats, idées, problèmes II (1921-1938)* (pp. 269-281). Paris: PUF. (Trabalho original publicado em 1937).
- Klein, É. (2018, décembre). La physique ou l'art de penser contre son cerveau. *Conférence du 19 décembre 2018 au sein du LARSIM (Laboratoire des Recherches sur les Sciences de la Matière)*, Université Paris-Saclay, Paris, France.
- Lacan, J. (1967-1968). *Le Séminaire, livre XV, L'acte psychanalytique*. Inédit.

- Lacan, J. (1973). La psychanalyse dans sa référence au rapport sexuel. *Bulletin de l'Association freudienne*, 37, 3-13.
- Lacan, J. (1973-1974). *Le Séminaire, livre XXI, Les non dupes errent*. Inédit.
- Lacan, J. (1975). *Le Séminaire, livre XX: Encore*. Paris: Seuil. (Trabalho original publicado em 1972-1973).
- Lacan, J. (1977-1978). *Le Séminaire, livre XXV, Le moment de conclure*. Inédit.
- Lacan, J. (1979a). Vers un signifiant nouveau. *Ornicar ?*, 17/18, 7-23. Paris: Lyse/Seuil.
- Lacan, J. (1979b). Journal d'Ornicar ?. *Ornicar ?*, 17-18, 278. Paris: Navarin/Seuil.
- Lacan, J. (1998). *Le Séminaire, livre V: Les Formations de l'inconscient*. Paris: Seuil. (Trabalho original publicado em 1957-1958).
- Lacan, J. (2001a). *Le Séminaire, livre VIII: Le Transfert*, texte établi par Jacques-Alain Miller. Paris: Seuil. (Trabalho original publicado em 1960-1961).
- Lacan, J. (2001b). Télévision. In *Autres écrits* (pp. 509-545). Paris: Seuil. (Trabalho original publicado em 1973).
- Lacan, J. (2006). *Le Séminaire, livre XVI: d'un Autre à l'autre*. Paris: Seuil. (Trabalho original publicado em 1968-1969).
- Lebovici, R. (1955). Perversion sexuelle transitoire au cours d'un traitement psychanalytique. *Bulletin d'activités de l'Association des psychanalystes de Belgique*, 25(2), 1-16.
- Lyotard, J.-F. (1979). *La condition postmoderne: rapport sur le savoir*. Paris: Éditions de Minuit.
- Miller, J.-A. (1983-1984). *L'orientation lacanienne, Des réponses du réel*. Enseignement prononcé dans le cadre du département de psychanalyse de l'université Paris VIII. Inédit.
- Miller, J.-A. (2006-2007). *L'orientation lacanienne, Le Tout dernier Lacan*. Enseignement dans le cadre du département de psychanalyse de l'université Paris VIII. Inédit.
- Miller, J.-A. (2007-2008). *L'orientation lacanienne, Tout le monde est fou*. Enseignement dans le cadre du département de psychanalyse de l'université Paris VIII. Inédit.
- Miller, J.-A. (2014). L'inconscient et le corps parlant. *La cause du désir*, 88, 104-114.
- Sharpe, E. (2007). La tâche analytique: l'analyste et l'analysant. In M-L. Lauth (Org.). *Ella Sharpe lue par Lacan, textes choisis et commentaires*, (pp. 17-56). Paris: Hermann Éditeurs. (Trabalho original publicado em 1930).

Citação/Citation: Almeida, P. (nov. 2021 a abr. 2022). A problemática do ato em psicanálise. (C. Coelho dos Santos, Trad.). *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*, 17(33), 23-38. Disponível em www.isepol.com/asephallus. **Doi:** 10.17852/1809-709x.2022v17n33p23-38

Editor do artigo: Tania Coelho dos Santos

Recebido/Received: 01/10/2021 / 10/01/2021.

Aceito/Accepted: 25/10/2021 / 10/25/2021.

Copyright: © 2022 Associação Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados/This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the author and source are credited.